



POR

JULIO BRANDÃO

Meu caro Vasco:

QUE pena que não pudesses ter vindo, na imperial da *Flor do Minho*, de visita ao nosso bom João Paulo, que está cada vez mais bondoso e mais idealista. Que pena que não viesses!

Bem sei... D'esta vez algum enlêvo faltava para ti na vivenda adorável; e foi talvez a falta d'esse attractivo que te emperrou a vontade de abalar comigo, como ha annos.

Não disfarces! A Adriana está casada, pensaste, e talvez já com um filho... *Casta vixit; lanam fecit*, dirias tu, destinando-lhe o candido epitaphio da doce mulher romana. Já não encheria tudo aquillo de encanto, fresca como os alecrins do norte em flor; como ella dir-se-hia haver sempre uma alegria de cravos e um ruflar de azas brancas, bem sei!... E casára — e pasára! Tem paciencia! Lembro-me ainda dos bellos versos que me leste ao pé dos alecrins... E deixa-me dizer-te uma coisa tenebrosa: eu tambem lhe fiz versos! Perdoa-me, não mordas o beijo! Os meus versos não leu ella nunca (creio tambem que não leu nunca os teus); nasceram na alma, e na alma se esfolharam, semelhantes áquellas ingenuas flores das lagôas — que nas aguas se desfolham e perdem...

A viagem foi linda. Parti sobre a tarde. A *Flor do Minho* está cada vez menos flor, coitada!, cada vez mais ronceira; sobretudo quando sabe que um de nós vae na imperial. Quer que vejamos bem essa maravilhosa paisagem, que ella nos encha a alma quasi mysticamente; quer, enfim, que sonhemos.

Queres saber! Logo que começou a subir o luar — desengonçou-se-lhe uma roda. Ella tinha razão: nunca nasceu, por entre amieiros, uma lua mais bella, nem os montes foram dum mais doce violeta, nem as fontes mais romanescamente chorosas. Ella tinha razão! Depois lá abalamos pela estrada branca, com o vento do crepusculo a beijar-nos, a consolar-nos do calor d'agosto.

Deixa fallar os «snobs» do automovel. Viajar no verão, em noites claras, pelas nossas estradas brancas como farinha triga,

é de vagar, quasi no tejadilho da *Flor* (e melhor agora, que ella está velhinha e trôpega), para sentir bem o amor materno da terra, ás horas lyricas da saudade. Juro-te que vi, numa represa d'agua, as fadas a baterem um enxoval encantado — que ha annos tu cuidarias ser o enxoval da Adriana... Depois, já no alto da estrada, o cocheiro teve de parar de novo, não só para deixar beber os cavallos, mas porque a *Flor* tornava a coxear da roda... E eu comprehendí-a logo: ella queria que eu olhasse outra vez, enlevadamente, a veiga que lá ficava p'ra baixo, com a cambraia da lua a esfarpá-se nas aguas, a linda estrada a branquejar de leve entre os choupos, como se fosse, na paisagem de sonho, um reflexo da Via-lactea; e os casaes tranquilllos, desgarrados na encosta, e os astros a tremer como cigarras d'oiro... Eu comprehendí-a logo!

Que pena que não viesses! João Paulo é o mesmo idealista que tudo toca de belleza espirital, que tem sempre flores para enfeitar o que é grosseiro ou torpe, e que dispõe constantemente de fluidos scenarios de chimera — para tudo em que os olhos triviaes só vêem trivial, ou em que os olhos da vileza só vêem coisas vis... Como sabes, é a sinceridade em pessoa: a sua piedade é espontanea e transparente, como certas fontes de caminhos perdidos, que matam a sede, cantando baixinho, sem ninguem saber que a matam; e o crystal de idealismo por que vê o mundo adivinha-se-lhe, porque não faz sermões nem toma attitudes: a sua maneira de ser poetica tem nelle a graça das flores que cobrem as amendoeiras...

Lembras-te do amor d'elle por Adriana? A irmã era para João Paulo o que a Virgem seria para Fra Angelico, que a pintava de joelhos. Mais velho dez annos, vivendo com ella de pequenina, a linda rapariga era para elle quasi filha e irmã. Se ella fallava, se ria, se punha cravos numa jarra, elle embevecia-se num extasi. E poderia vestir de azul ferrete (como quando tu lhe fizeste um soneto galante) que para João Paulo vestia sempre de branco, que é a côr da virgindade e da innocencia.

D'ahi vinha de certo o optimismo de que vestia a vida, a ternura quasi ingenua que tinha pelas mulheres. No seu

guarda-roupa encantado havia sempre azas para fazer anjos; como na sua deliciosa vida de lavrador poeta havia sempre maneiras de tornar mais doces os fructos silvestres e amargos...

Calculas como ficaria João Paulo, quando lhe pediram um dia a mão da irmã. Caiu das nuvens. Foi um tombo como o de Icaro, quando deu com os costados no mar. Havia qualquer mágua recondita, que o pungia: esta mágua de ver embaciar um crystal, de ver desfolhar-se uma flor... Presumivelmente esfregou os olhos—para ver que não sonhava. Adriana fôra sempre para elle a creança, a esbelteza quasi alada; e a vida tem grandes surpresas para os idealistas, que não se lembram de ver que outro sonho começa onde julgam que um sonho acaba!

João Paulo ficou triste, a pensar no que seria o casarão da Telheira, só com elle e com a tia Eulalia. Adriana fazia-lhe a falta duma ave que gorgoeja numa arvore triste, e que um caçador estúpido mata, quando ella está a cantar. E assim me escreveu, dizendo-me que a irmã ia casar d'ahi a dias com aquelle bacharel Damásio, muito cheio de heraldicas, e que tocava desastradamente flauta—como Schopenhauer.

*

* *



Cheguei á Telheira ao dar das onze horas na torre de Sant'Anna. Lá estava o grande gallo, com a sua grande crista, recortado petulantemente no luar idyllico. João Paulo, que já conhece o nosso «lyrismo da imperial» (como elle diz), esperava-me ao pé das «alminhas», com o Pedro para me levar a maleta por aquelle delicioso carreiro sylvestre, onde ha as mais lindas madresilvas e os mais alegres melros. Para quem vae de diligencia, é muito mais perto que pela estrada nova: num pulo está-se dentro da quinta.

Lá me esperava a canja, verdadeiramente divina, e aquellas cerejas de calda que não valem menos (como sabes, de abundante experiencia) que os teus mais bellos poemas. Não te zangues. Eu bem sei que varios poetas moços e nebulosos ouviriam como suprema heresia esta comparação grosseira; mas são esses poetas espirituaes os que mais comem.

Reparei que João Paulo me acompanhava lindamente disposto, bebendo mesmo um copo d'aquelle vinho côr de rosa,

que tu comparavas, com erudita e presumível justeza, aos beijos de Calypso; tinha a barba mais cerrada, e dum castanho mais claro, a enloirecer para branquear,—que é a epoca em que as barbas começam a ser philosophicas... Notei que havia bellas flores na mesa,—como d'antes. Constatava eu comigo que na Telheira nada havia mudado, no mobiliario sobrio, no gôsto, nos habitos amaveis; a mesma boa e velha Rosa nos servia: e os dois annos passados sobre o casamento de Adriana não tinham creado sombras que eu visse, não tinham feito a mudança mais leve naquella casa amiga. Pelas janellas abertas, d'onde se via a eira vasta e a mancha arabe dos espigueiros á lua, entrava uma frescura lyrica, rescendendo a cravos. (Estás tu de certo a dizer, como eu comigo dizia, que as saudades passam afinal nas almas, como as sombras nas aguas...).

Apenas a tia Eulalia não me apparecêra, porque estava com a habitual enxaqueca. De resto, até os pintasilgos lá estavam na mesma gaiola!

Emquanto nós accendiamos os cigarros, terminada a ceia amavel—a que nem faltára a vacca e o riso do amavel arcebispo—arrisquei-me a perguntar a João Paulo pela irmã.

—Coitada! Agora vae passando melhor...—respondeu com uma certa melancolia.

Comprehendes que fiquei intrigado (como tu has-de estar tambem, grande curioso!) Vi, pelo tom da resposta, que João Paulo me julgava conhecedor da historia de Adriana—de quem eu apenas sabia que ia casar, por uma carta d'elle. Cofiei o bigode de vagar, que é gesto de quem não sabe o que ha-de dizer; no meu espirito passou a ideia triste duma doença grave da pobre rapariga, longe da Telheira benefica, onde eu a vira tam sadia e tam linda; mas emquanto soprava o fumo do cigarro, olhando a paisagem tenuemente azulada da lua, a porta, para que eu estava de costas, abria-se, e João Paulo dizia-me:

—Ahi tens a Adriana...

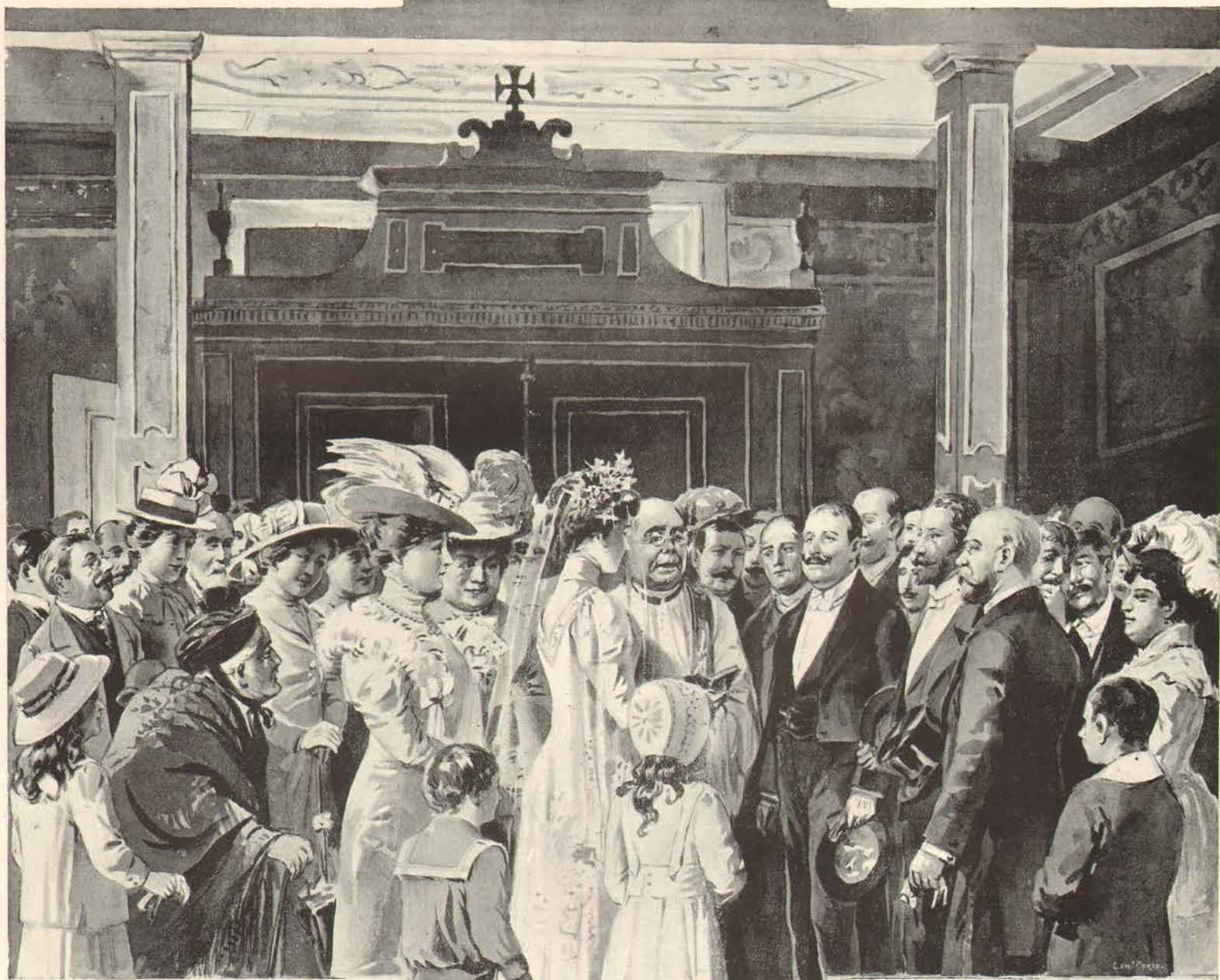
Olhei, levantei-me numa viva surpresa. De certo lhe não

escapou o meu ar aturdido de espanto, ao cumprimentá-la, pois cuidei ver-lhe, com o gesto acolhedor, um bruxoleante sorriso. Estava muito mais bella: de negro, um pouco pallida, com uma grande golla branca. Os cabellos dum loiro mais triste... (Já reparaste que os cabellos entristecem?) Parecia-me mais alta. A voz tinha menos brilho que d'antes: dir-se-hia haver nella, agora, uma *patine* de sonho. Também me pareceu que lhe tinham escurecido mais os olhos claros... Ella era bem a imagem d'aquella noite de agosto, cheia



duas famílias—e á tardinha deviam os noivos seguir para Cimo de Villa, onde o Damásio tinha casa, em que passariam a lua de mel.

Adriana, de branco, apenas lhe faltariam as azas para a julgarem descida das nuvens; as amigas rodeavam-na, também de branco, como nos contos do Perrault. (De resto, aos vinte annos, todas as raparigas se emballam em nuvens romanticas, e acreditam em fadas). João Paulo tinha a pungi-lo uma saudade mordente; o Damásio, baixo e nutrido, com o seu lustroso pei-



de mysterio e silencio, para nobres palavras d'amor... Ficar-lhe-hia bem um aro d'astros nos cabellos de deusa melancolica. Ah! se tens vindo, terias escripto a tua mais bella elegia!...

*
* *

Só depois soube tudo. (Eu conto, eu conto, não te impacientes!...) O casamento fizera-se no dia marcado, em Sant'Anna. A Telheira encheu-se de parentes e amigos das

tilho, os bigodes erguidos á Van-Dyck, e uma flor no peito, offegava de felicidade.

Houve jantar de festa, com as loiças ricas da Telheira e as velhas e pesadas pratas. Muitas flôres. É claro que houve brindes—porque ha de haver sempre brindes enquanto houver bachareis.

Depois todos passearam pelo jardim, pela quinta. Era uma doce tarde de verão. Adriana, no meio das amigas, ia vendo com pena as suas flores, onde as abelhas ainda zumbiam

num raio d'oiro; e mais longe, na eira, os homens palestravam.

Nas mimosas cantava uma toutinegra:

—Olha, Adriana, está a dizer-te adeus... —segredaram-lhe.

A noiva sorriu com tristeza; houve um momento em que apenas se ouvia o gorgueio das fontes.

De repente, o rancho feminino foi alarmado por vozes intercorridas, que vinham da eira. Olharam surpresas — e viram que os homens, alaranjados pelo sol do monte, se apinhavam á volta d'alguem numa attitudo consternada... Correram todas: — e já um d'elles, muito enfiado, gritava por um copo d'agua; outro, de casaca, acarretava do espigueiro um cesto vindimo, — onde Adriana viu assentar o noivo, amparado a João Paulo e ao dr. Abrantes, aquelle medico de lunetas de tartaruga, que tu lá conheceste.

A lua já subia, a espreitar por traz das arvores... Nunca falta na morte e no amor! A gente do campo quedára-se espantada, ou a cochichar baixinho. Apenas se ouvira um grito lancinante da boa rosa: — Ai! a minha rica menina!...

Como soluços, lentas, caíam Trindades em Sant'Anna.

*

* *

Ora aqui tens a razão porque a Adriana me appareceu na Telheira, como se me surgisse do alcapão duma novella. O Damásio morrêra de repente, duma *angina pectoris*. Deve estar no céu, já que perdêra na terra um paraíso incomparavel. Matou-o



Quando Adriana chegou ao pé do marido, o medico, que o auscultava, ordenou com voz tremula:

—Levem esta senhora!...

Ella ainda quiz avançar, mas cambaleou, e ia a tombar sem sentidos, branca como o vestido nupcial. Levaram-na em braços, com as flores de laranjeira pendentes dos cabellos d'oiro... Tudo isto parece uma ballada tragica.

mais depressa a felicidade, que é ás vezes venenosa como as serpentes.

E ella?! Singular viúva, na verdade. Que pena que não viesses, não t'o disse do principio? Verias a mais linda elegia que ainda mulher alguma foi na terra. E que estranho destino o d'essa rapariga, com vinte e poucos annos, a levar flores ao tumulo dum marido chimerico!...

